



O Ensino de Matemática no Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié (1977-1988)

Mathematics Teaching in the Short Degree Course in Sciences off Jequié (1977-1988)

Cleide Selma Pereira dos Santos¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)
cleideselma10@gmail.com



Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2628188379664604>



Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0851-6688>

Janice Cassia Lando²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
janicelando@uesb.edu.br



Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6491679470064470>



Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9995-3706>

¹ Doutoranda em Educação Científica e Formação de Professores (PPG-ECFP/UESB). Técnica Administrativa em Educação (IFBA), Jequié, Bahia, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Antônio Brandão, SN, Cond. Vivendas do Bosque, Jequiezinho, Jequié, Bahia, Brasil, CEP: 45208-245. E-mail: cleideselma10@gmail.com.

² Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana (UFBA/UEFS). Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Jequié, Bahia, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Antônio Brandão, s/n, Cond. Primavera, Jequiezinho, Jequié, Bahia, Brasil, CEP: 45208-245. E-mail: janicelando@uesb.edu.br.

RESUMO

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de Doutorado – em andamento –, cujo propósito é analisar a formação pedagógica para o ensino de matemática, ofertada na Licenciatura Curta em Ciências de Jequié, curso de nível superior destinado a formar professores para o ensino de matemática e outras disciplinas no ensino de 1.º grau. O objetivo proposto para este texto é apresentar observações e conjecturas sobre o ensino de matemática à luz da seguinte questão: como se caracterizou o ensino nas disciplinas Matemática I, Matemática II e Matemática III? O recorte temporal –1977 a 1988– foi escolhido por considerar o ano em que tiveram início as atividades desta formação e quando o vestibular passou a ofertar vagas para as habilitações (Química e Biologia), implantadas no curso, na década de 1980. Para responder ao questionamento indicado, foram analisadas fontes orais e documentos como: diários de classe, jornais, livros didáticos, dissertações e artigos relacionados ao tema. Na fundamentação teórico-metodológica, utilizou-se a abordagem de Chartier (2002), Viñao Frago (2007) e Chervel (1990). A produção das fontes orais foi realizada de acordo com a perspectiva de História oral híbrida, abordada por Meihy e Ribeiro (2011). A análise das fontes aponta a presença de ideias do Movimento da Matemática Moderna, o qual propôs mudanças para o ensino de matemática nos níveis primário e secundário, no contexto de influências externas na educação brasileira e de modernização tecnológica e científica do País.

Palavras-chave: Ensino de Matemática. Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié. Movimento da Matemática Moderna.

ABSTRACT

This article presents the results of an ongoing doctoral research project whose purpose is to analyze the pedagogical training for mathematics teaching offered in the Short Degree course in Sciences in Jequié, a higher education course designed to train teachers to teach mathematics and other subjects in primary education. The proposed objective of this text is to present observations and conjectures about mathematics teaching in light of the following question: How was teaching characterized in the field of studies Mathematics I, Mathematics II and Mathematics III? The time frame –1977 to 1988– was chosen because it was the year in which the activities of this training began and when the entrance exam began to offer places for the majors (Chemistry and Biology), implemented in the course in the 1980s. To answer the indicated query, oral sources and documents were analyzed, such as: class diaries, newspapers, textbooks, dissertations and articles related to the issue. In the theoretical-methodological basis, we used the approach of Chartier (2002), Viñao Frago (2007) and Chervel (1990); the production of oral sources was carried out according to the perspective of hybrid oral history, addressed by Meihy and Ribeiro (2011). The analysis of the sources indicates the presence of ideas from the Modern Mathematics Movement, which proposed changes to the teaching of mathematics at the secondary level, in the context of external influences on Brazilian education and the technological and scientific modernization of the country.

Keywords: Teaching of Mathematics. Short Degree Course in Sciences of Jequié. Modern Mathematics Movement.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As mudanças políticas, econômicas e sociais ao longo da história brasileira demarcaram novas interpretações sobre as diferentes formas de promover a formação do docente secundário, na perspectiva de proporcionar os saberes necessários ao professor que ensinaria matemática nesse nível de ensino. A institucionalização do perfil do docente formado com especificidade para o ensino dessa disciplina nessa fase de escolarização começou a se configurar a partir da década de 1930, com a criação das Faculdades de Filosofia (FF) (Ferreira, 1983; Valente, 2005).

A Faculdade de Filosofia da Bahia (FFBa) foi criada na década de 1940 e, por ser localizada na capital, além de ficar aquém das possibilidades de acesso por parte dos pretendentes ao ensino superior menos favorecidos economicamente da cidade de Jequié³, não conseguia atender a toda a demanda por formação docente do imenso território baiano, o que repercutia na evidência da urgente necessidade de interiorizar o ensino superior no estado, em especial, por considerar as deficiências do ensino no contexto de desenvolvimento econômico que requeria apropriação de conhecimentos matemáticos por parte dos estudantes do secundário (Lando, 2012; Lima et al. 2017; Santos & Lando, 2023).

Diante da incapacidade de as Faculdades de Filosofia atenderem a toda a demanda de formação de docentes para o ensino secundário foram criados os exames de suficiência, na década de 1940, como uma medida de emergência para institucionalizar o perfil do docente para esse nível de ensino, em âmbito nacional. Segundo Santos (2018) e Santos e Lando (2023), em Jequié, na década de 1960, os professores primários adquiriam legitimidade para ensinar matemática no ensino secundário, após comprovarem conclusão de curso, com êxito, fornecido pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES).

Os Cursos de Licenciaturas Curtas em Ciências, ofertados em Faculdades de Formação de Professores⁴ (FFP), destinaram-se à formação do professor que ensinaria a matemática entre outras disciplinas no ensino ginásial. Na Bahia, tais cursos e faculdades foram criados para atender a uma carência de professores para o ensino secundário no interior e às aspirações da classe média por ensino superior. Além disso, buscava-se expandir o ensino superior para localidades tidas como polos de desenvolvimento por considerar a importância da formação

³ Município localizado no sudoeste do estado da Bahia, com uma distância de 365 km da capital baiana; ocupa uma zona de limites comuns com a caatinga e a zona da mata. A etimologia da palavra Jequié é derivante da palavra tupi Jequi, que significa cesto afunilado, objeto utilizado para a pesca. Informações disponíveis em: <https://www.jequie.ba.gov.br/historia/>. Acesso em: 29 maio 2024.

⁴ Santos e Lando (2023) esclarecem que a Lei n.º 1.802, de 25 de outubro de 1962, normatizou a criação de Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras em algumas cidades do interior da Bahia. Contudo, ao serem criadas, nas cidades de Feira de Santana, Vitória da Conquista, Alagoinhas e Jequié, foram denominadas Faculdades de Formação de Professores.

secundária para o desenvolvimento econômico em tais localidades e regiões circunvizinhas (Chapani, 2012; Ferreira, 1983). Segundo Bispo (2000), Jequié, nas décadas de 1960 e 1970, se caracterizava como um polo de desenvolvimento devido ao avanço econômico, ao crescimento da demanda educacional nos níveis pós-primário e sua localização geográfica, que a colocava como ponto de cruzamento das rodovias de diversas cidades circunvizinhas.

Um outro fator que contribuiu para a criação das FFP e supracitados cursos foi o crescimento do quantitativo de estudantes para o nível secundário, especialmente após a promulgação da Lei n.º 5.692 de 1971 que aboliu o exame de admissão. Essa lei também institucionalizou as licenciaturas curtas como cursos responsáveis pela formação do professor para o ensino de 1.º grau (Ferreira, 1983; Saviani, 2010).

O Curso de Licenciatura Curta em Ciências, da Faculdade de Formação de Professores de Jequié (FFPJ)⁵, teve início no ano de 1977, em um contexto de expansão do ensino superior na Bahia e de desenvolvimento econômico, durante o período da Ditadura militar e de financiamentos externos no sistema de educação brasileiro. Na década de 1980, a FFPJ juntamente com a Faculdade de Enfermagem de Jequié deu origem ao *campus* Jequié da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), constituída pelos *campi* de Jequié, Vitória da Conquista e Itapetinga (Chapani, 2012; Santos & Lando, 2023).

Posteriormente, esse curso, na década de 1980, passou por um processo de reformulação do currículo para se adequar às proposições das habilitações em Química e Biologia, reconhecidas pela portaria n.º 613 de 14 de dezembro de 1988. Apesar da instituição continuar a oferecer aos estudantes a possibilidade de escolher por uma das habilitações ou concluir apenas a licenciatura curta, a partir de 1989, o vestibular já direcionava as vagas para uma das habilitações. Ademais, a instituição passou por um processo de mudanças em virtude de sua transformação em universidade *multicampi*, por intermédio do decreto n.º 94.250 de 1987.

Por considerar o número ínfimo de estudos históricos relacionados a esse curso, propomos uma investigação científica, em nível de doutorado, com o objetivo de analisar a formação pedagógica para o ensino de matemática, ofertada na citada licenciatura, no período de 1977 a 1988, que corresponde ao início das atividades do curso e ao último ano em que o vestibular ofertou vagas para a Licenciatura Curta em Ciências, respectivamente.

Este texto consiste, portanto, em um recorte dessa pesquisa de doutoramento, que se encontra em andamento, e tem como objetivo apresentar observações e conjecturas sobre o

⁵ Para um melhor conhecimento a respeito da história de implantação desse curso, pode-se recorrer à leitura do artigo intitulado “História da implantação do ensino superior em Jequié-Ba (1962-1977)”. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rebs/article/view/11505/8159>.

ensino de matemática no Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié, numa perspectiva histórica, com enfoque nas disciplinas de Matemática I, Matemática II e Matemática III. Desse modo, teve como questão norteadora: como se caracterizou o ensino nas citadas disciplinas?

Por se tratar de uma história com lacunas⁶, esta pesquisa apresenta relevância para a constituição da História do Ensino de Matemática, em particular, e para a área de História da Educação, em geral; o enfoque se dá na História da formação docente no ensino superior. Para responder ao questionamento proposto, fundamentamo-nos em autores como: Chartier (2002), com a História Cultural; Viñao Frago (2007), que ressalta a importância do estudo da cultura escolar para uma melhor compreensão sobre o processo de implementação das reformas educativas; e Chervel (1990), que discute sobre a história das disciplinas escolares.

Este texto é organizado em três partes, primeiramente abordamos os teóricos que fundamentam essa escrita. Essa abordagem precede uma discussão sobre o contexto de surgimento e proposições do Movimento da Matemática Moderna. Em seguida, com base nas fontes coletadas, realizamos uma análise sobre o ensino das disciplinas de Matemática I, II e III, ofertadas no Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié. Por fim, apresentamos algumas considerações finais, salientando a importância deste estudo para suscitar questionamentos e reflexões em torno das proposições de formação docente na contemporaneidade.

1. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Segundo Chartier (2002), no final da década de 1960, ocorreu o declínio do interesse pelas temáticas exclusivamente socioeconômicas e o surgimento de temas pouco pesquisados até aquele momento – família, morte, sexualidade, criminalidade etc. Apareceram, então, pesquisas históricas com um enfoque cultural, originando o novo campo denominado de História cultural, abordagem adotada na escrita deste artigo (Chartier, 2002).

Para Chartier (2002), a história cultural deve ser pensada a partir do trabalho de análise das representações e de sua relação com as práticas, pois, na ótica desse autor, as práticas plurais e contraditórias dão sentido ao mundo e são forjadas a partir das diferentes formas de apropriação de uma realidade. As representações influenciam as práticas, e essas, por sua vez,

⁶ O texto intitulado “O curso de Ciências e a formação do docente de matemática em Jequié: os registros dos diários dos Professores, as memórias das alunas e os cadernos (1977-1980)”, publicado por Januária Araújo Bertani, Malú Rosa Brito Gomes e Francisleide da Silva Pires Santana, na *Revista História da Educação Matemática*, em 2017, aborda o ensino de matemático no Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié, mas o estudo se restringe à primeira turma.

produzem representações em um contexto de disputas de poder. A esse respeito, Chartier (2002) destaca que as relações de poder não anulam as possibilidades de resistências e negociações que os sujeitos possuem.

Ao abordar sobre o uso das representações na produção do conhecimento histórico, Chartier (2011, p. 17) destaca que “[...] não existe história possível se não se articulam as representações das práticas e as práticas da representação”. Sendo assim, este trabalho busca apresentar uma escrita histórica, a partir das representações, das práticas e das apropriações de um determinado público (alunos e professores do Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié), com o entendimento de que as representações são construídas em um campo de disputas, concorrências e competições que têm como desafio as relações de poder instituídas e concebe os sujeitos como produtores e receptores de uma cultura, a qual é permeada por práticas e representações, influenciadas por questões econômicas, políticas e sociais.

Esta pesquisa também se fundamenta na concepção de reformas escolares e cultura escolar de Antonio Viñao Frago (2007) e na abordagem de André Chervel (1990) sobre História das disciplinas escolares. Tais conceitos e abordagens teóricas dos autores citados possibilitam um diálogo com a problemática desta pesquisa.

Viñao Frago (2007) afirma que a análise da cultura escolar contribui para entender como se aplicam e se adaptam as reformas educativas, tendo em conta o mundo acadêmico. Tal apreciação permite compreender o motivo pelo qual determinados aspectos das reformas são incorporados na cultura escolar de forma mais rápida, enquanto outros são rebatidos. Do mesmo modo permite compreender como alguns elementos de uma reforma são ritualizados e outros são modificados, reelaborados ou distorcidos; como se podem gerar a mudança educativa e a inovação nas instituições escolares a partir da relação entre o que se propõe e as práticas culturais de uma instituição escolar.

Em outras palavras, para Viñao Frago (2007), a cultura escolar possibilita compreender como as mudanças e as continuidades se dão em um contexto de regularidades e pressões externas que se evidenciam no espaço acadêmico, que se constitui como configurador de tais questões. Esse autor defende que a cultura escolar tem autonomia para gerar produtos específicos relativos ao ensino e à aprendizagem, entre os quais estariam as disciplinas escolares, as formas de organização do espaço escolar e de gerenciamento da sala de aula, as formas de avaliação e certificação.

Viñao Frago (2007) entende a cultura escolar como forma de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos que são permanentes ao longo do tempo, vindo a se constituir em tradições. Contudo não são eternas. Em meio às diversas proposições de alterações e

reformas, podem sofrer mudanças, ainda que não sejam profundas. Cada instituição tem uma cultura peculiar, podendo apresentar aspectos comuns quando comparada a outras culturas. No bojo da discussão sobre culturas escolares, a História das disciplinas se configura como um elemento importante e indispensável para o processo de constituição de uma historiografia da cultura escolar de diversas instituições educativas (Viñao Frago, 2007).

Nesse aspecto, André Chervel (1990) defende que as disciplinas são organizadas historicamente, a partir de uma seleção de conteúdos e métodos, em distintos momentos e contextos. Uma disciplina se constitui como “um vasto conjunto cultural amplamente original que foi organizado ao longo de décadas ou séculos e que se coloca como mediação posta a serviço da juventude escolar em sua lenta progressão em direção à cultura da sociedade global” (Chervel, 1990, p. 200).

Sendo assim, os conteúdos e os métodos são escolhidos com uma finalidade e um ideal proposto para a formação dos alunos, e esse ideal se relaciona com a cultura da sociedade global. Chervel (1990) também afirma que o estudo das disciplinas escolares deve contemplar uma interpretação tanto da história da organização de seus conteúdos e métodos, como das finalidades a que se propunha e os resultados que produziram.

A história cultural, desenvolvida por Chartier (2002), possibilita uma interpretação histórica da temática em estudo, a partir da utilização de várias fontes (documentos oficiais e pessoais, fotografias, leis, depoimentos orais etc.) em diálogo com diversas áreas do conhecimento. Com base em tal pressuposto, utilizamos a história oral como técnica para a produção de fontes orais. Buscamos fazer um cruzamento sobre o que dizem tais fontes (depoimentos de professores e alunos do curso) com textos científicos e documentos que se referiram ao ensino de matemática, no período em estudo, e ao Curso de Licenciatura Curta em Ciências, conforme propõem Meihy e Ribeiro (2011).

Os documentos analisados foram: leis que regulamentavam o Curso de Licenciatura Curta no Brasil, diários de classe, históricos de alunos, livros utilizados no curso em questão e depoimentos orais. A pesquisa documental foi realizada no Museu Histórico de Jequié, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e em *sites* da internet como o da UESB, do Portal da Câmara dos Deputados e Leis estaduais: Bahia.

Os colaboradores⁷ são ex-alunas e ex-professores do citado curso. Para este texto, entre as discentes entrevistadas estão: Maria Telma Souza Gargano e Jacyra Assis Britto Landim, ambas da primeira turma do citado curso; Maria Anísia Villas-Bôas Tourinho Vidal, que

⁷ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UESB, com CAAE 62569822.7.0000.0055, e autorizada a divulgar o nome dos colaboradores.

ingressou no curso em 1981, mas não o concluiu devido à sua aprovação em um concurso para exercer um cargo em um banco de outra cidade, pois ao assumir o cargo ficou inviável dar continuidade ao curso; Juanilza Aparecida Rodrigues Santana e Jerusa Maria Novaes Souza, ambas ingressaram na turma de 1986. Os docentes entrevistados foram: Rui Macêdo, Jorge Barros e Jorge Costa do Nascimento, com ingresso na FFPJ em 1977, 1984 e 1986, respectivamente, por eles terem sido professores de Matemática I, II e III. Uma vez que foram encontrados indícios da presença de elementos do Movimento da Matemática Moderna em duas dessas disciplinas, como será detalhado na seção 3, consideramos relevante caracterizar esse movimento por meio de uma revisão bibliográfica.

2. O MOVIMENTO DA MATEMÁTICA MODERNA

Viñao Frago (2007) salienta que é impossível dissociar o estudo da cultura escolar da análise de aspectos como contexto social, político e econômico, apoios e resistências, contradições internas, financiamentos entre outros elementos que condicionam o êxito ou o fracasso de reformas educativas. Lando (2012) aponta dois movimentos de modernização do ensino de matemática ao longo da história dessa disciplina, ambos abordados por Maria Ângela Miorim (1998), pensados com o propósito de diminuir o distanciamento entre o ensino médio e o universitário: o Primeiro Movimento para a Modernização do Ensino de Matemática e o Movimento da Matemática Moderna (MMM).

A esse respeito, não pretendemos trazer aqui um estudo aprofundado sobre como os movimentos de renovação do ensino de matemática foram implementados no Brasil. Contudo, consideramos pertinente pontuar alguns aspectos sobre o contexto do surgimento e das proposições do MMM pelo fato de que as fontes indicaram a presença de ideias desse movimento no ensino das disciplinas Matemática I e III.

Freire (2017) aponta que, na década de 1950, o questionamento sobre o conceito de ciência, como um conhecimento neutro, e o processo de expansão do conhecimento tecnológico e científico impôs, internacionalmente, a necessidade de repensar o papel da educação e do ensino de Matemática, Física, Química e Biologia, por considerar a importância de tais conhecimentos para a conjuntura de desenvolvimento científico e tecnológico. Nesse contexto houve uma mobilização de cientistas, professores e educadores, em diversos países, para a constituição de uma reforma curricular e de elaboração de materiais didáticos para disseminar os ideais de renovação.

No Brasil, a reforma do MMM surgiu, na década de 1960, em uma conjuntura de modernização tecnológica e científica do País, a qual exigia dos estudantes do secundário um melhor preparo no ensino de matemática, tanto para o ingresso na universidade como para o exercício de determinadas atividades profissionais. Além disso, acontecia uma expansão do ensino secundário, e o sistema educacional brasileiro foi marcado por influências externas, como a Unesco e Usaid, devido ao financiamento que ofereciam à educação brasileira em um cenário de valorização da matemática como saber necessário para o desenvolvimento econômico, tecnológico e científico. Tais agências contribuíram para o processo de divulgação dessa renovação curricular em países do terceiro mundo (Búrigo, 1989, 2006; Freire, 2017; Soares, 2001).

Para Búrigo (1989, 2006) e Soares (2001), esse movimento seguiu tendências de renovação oriundas do Primeiro Movimento Internacional de Modernização da Matemática. Tal afirmação nos remete a Chervel (1990), quando este declara que a história das disciplinas é configurada a partir de mudanças importantes e profundas agitações. Nesse processo de modificações, por vezes o antigo coabita com o novo, e ambos estabelecem uma relação de tensão e disputas por permanência no espaço escolar. Ainda, segundo ele, algumas proposições permanecem, outras são substituídas.

Assim como Búrigo (1989), Soares (2001) ressalta que foi a partir do Grupo de Estudos de Ensino da Matemática de São Paulo (GEEM), sob a liderança de Osvaldo Sangiorgi, que as ideias do MMM foram disseminadas em todo o País, por intermédio de livros, da mídia e de cursos para formação de professores. Freire (2017) salienta o papel desempenhado, inicialmente, pela Comissão Paulista do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), financiada por agências nacionais e internacionais, no processo de adoção, tradução e adaptação de materiais com propostas de renovação do ensino de matemática e de outras disciplinas, para o nível secundário. A autora (2017) também evidencia as contribuições dos Centros de Ensino de Ciências, implantados em alguns estados do Brasil, na década de 1960, com o propósito de sistematizar uma proposta de reforma curricular para o ensino de Matemática, Física, Química e Biologia.

Entre os tais Centros de Ensino de Ciências, Freire (2017) ressalta o Centro de Ensino de Ciências da Bahia (CECIBA), o qual reuniu pesquisadores, professores universitários e do ensino secundário para produzir materiais didáticos com as metodologias e os conteúdos propostos pelo MMM para posterior disseminação na Bahia. Dentre os estudiosos que contribuíram nesse sentido, salienta-se o desempenho de Omar Catunda e Martha Dantas, professores da Faculdade de Filosofia da Bahia (FFBa) e, posteriormente, do Instituto de

Matemática da Universidade Federal da Bahia (UFBA). De acordo com Lando (2012), essa faculdade teve papel relevante no processo de divulgação do MMM, além de ter professores defensores do movimento, o Colégio de Aplicação da referida instituição, onde eram praticados os estágios e as experimentações pedagógicas dos professores da FFBA, adotava conteúdos e métodos defendidos pelo referido movimento.

As mudanças propostas pelo MMM se fundamentavam, principalmente, na abordagem de Bourbaki⁸, com enfoque sobre o estudo das estruturas matemáticas e da teoria dos conjuntos. Essas ideias foram associadas à Psicologia de Piaget por considerarem uma correspondência entre as estruturas mentais, abordadas por este autor, e as estruturas matemáticas. A incorporação das ideias dos autores concedeu ao MMM um caráter científico (Búrigo, 2006; Soares, 2001).

Segundo conta Soares (2001), a proposta do MMM foi adequar os programas da disciplina e os métodos de ensino, tendo em vista uma aprendizagem mais eficiente, sob a influência dos Estados Unidos, por intermédio dos trabalhos do School Mathematics Study Group (SMSG), e influência da Europa, a partir dos trabalhos de George Papy e Frédérique Papy, Zoltan Dienes, Lucienne Félix e Caleb Gattegno.

Búrigo (2006) afirma que, após a renovação do ensino de matemática no nível superior, com base em Boubarki, houve um movimento que procurou promover uma aproximação da matemática do ensino secundário com a matemática superior, que se manifestou dando grande importância a alguns aspectos do discurso do MMM como “o rigor, à precisão da linguagem e à correção matemática das abordagens pedagógicas; às generalizações e à unidade da matemática como disciplina acadêmica; à compreensão das relações de necessidade e possibilidade entre axiomas e proposições decorrentes” (Búrigo, 2006, p. 39).

Desse modo, fica evidente, nos estudos das autoras citadas, que a proposta de renovação não se dava estritamente na configuração de conteúdos que fariam parte do programa da disciplina, mas o MMM também propunha uma renovação pedagógica para o ensino da disciplina. Guimarães (2007) ainda salienta que as propostas pelo MMM não estavam voltadas apenas para a transformação dos programas, envolvia, inclusive, mudanças nas técnicas utilizadas para o ensino e os problemas de ordem psicológica. Segundo esse autor, a proposta do MMM pode ser assim sintetizada:

a ênfase na unidade da Matemática (a ideia da “fusão” Aritmética/Álgebra e da “síntese”

⁸ Nicolas Bourbaki foi um nome fictício criado por um grupo de matemáticos que propuseram apresentar toda a matemática de seu tempo numa obra intitulada *Elements de Mathématique*. Esse grupo, conhecido como modernista, defendia o ensino de uma matemática estruturalista e abstrata (Búrigo, 1989; Soares, 2001).

Álgebra/Geometria, a integração da Trigonometria em outros tópicos ao longo do currículo); a importância dada à Álgebra e à Geometria vectorial, bem como às estruturas matemáticas; a orientação axiomática do ensino, isto é, a organização do currículo tendo como última meta o estudo axiomático da Matemática; a preocupação com o rigor e com a linguagem e simbologia matemáticas (Guimarães, 2007, p. 43, grifo do autor).

Os livros didáticos que disseminavam ideias desse movimento davam “ênfase excessiva em uma linguagem precisa e rigorosa e na justificação de cada passo dado na resolução do problema” (Soares, 2001, p. 48).

Guimarães (2007) aborda alguns dos aspectos metodológicos adotados pelo MMM, entre os quais estão o destaque na unidade da matemática e no ensino de conceitos unificadores como as estruturas matemáticas; a orientação com base em axiomas e deduções; a valorização da aprendizagem por descoberta, com o fornecimento de atividades que estimulassem o desenvolvimento do desejo de investigação e das faculdades de análise e invenção dos alunos, entre outras questões; ênfase na valorização da intuição e do rigor; e a recomendação ao trabalho experimental no ensino de Aritmética; compreensão das consequências negativas para o processo de ensino e aprendizagem advindas de um ensino mecânico e repetitivo.

3. O ENSINO NAS DISCIPLINAS MATEMÁTICA I, MATEMÁTICA II E MATEMÁTICA III: INTERPRETAÇÕES A PARTIR DAS FONTES

Para responder ao questionamento de pesquisa – Como se caracterizou o ensino nas disciplinas Matemática I, Matemática II e Matemática III? –, buscamos investigar em fontes documentais e orais aspectos históricos do ensino dessas disciplinas. A primeira constatação nos diários foi a mudança na nomenclatura. Inicialmente as citadas disciplinas chamavam-se, respectivamente, Fundamentos da Matemática Elementar I, Fundamentos da Matemática Elementar II e Matemática Básica.

Essa informação dos diários de classe e dos históricos dos estudantes, que se encontram arquivados na Secretaria Setorial de Cursos de Jequié da UESB, foi confirmada pelas discentes entrevistadas, que foram unânimes, ao afirmarem que estudaram três disciplinas de Matemática. O professor Jorge Costa do Nascimento (2023) ratifica essa informação, ao afirmar que os estudantes faziam três disciplinas de Matemática: “Fundamentos de Matemática Elementar I, Fundamentos de Matemática Elementar II [...] Matemática I, Matemática II, Matemática III”.

Os diários de classe igualmente indicam que a princípio o Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié apresentava um conjunto de disciplinas e, posteriormente, esse currículo foi alterado, para serem implantadas as habilitações em Química e Biologia, conforme regulamentava a Resolução de n.º 30, de 11 de julho de 1974. Mesmo após essas mudanças, não foram extintas as disciplinas Matemática I, II e III; contudo houve uma diminuição da carga horária de 120 para 90 horas. Sobre tais mudanças, salientamos, conforme Viñao Frago (2007, p. 204) esclarece, que “as disciplinas não são, com efeito, entidades abstratas com uma essência universal e estática. Nascem e se desenvolvem, evoluem, se transformam [...]”.

Os diários também indicam que, ao longo do período em estudo, as disciplinas Matemática I, II e III foram ministradas pelos professores Rui Macêdo, que ingressou na instituição em 1977; Edson Cardoso dos Reis e Jorge Barros, ambos aprovados na seleção pública de 1982; Jorge Costa do Nascimento, aprovado na seleção pública de 1985 (Vilas Bôas, 2001); e Armando Luíz Andrade Peixoto, que ingressou em 1985, segundo Nascimento (2023).

As fontes orais permitem interpretar que as disciplinas de Matemática I, II e III marcaram a memória da maior parte dos estudantes como disciplinas difíceis. Jeruza Maria Novaes Souza (2023), ao rememorar sua trajetória na FFPJ, ressalta que sempre fora uma boa aluna em matemática e continuamente teve mais facilidade em matemática do que em ciências, mas percebia que:

Jeruza Maria Novaes Souza: a minha turma era da noite e eles sempre tinham um grau de dificuldade maior, a gente não podia nem [...], mesmo naquela época, a gente não podia avançar muito em alguns conteúdos. [...] Ah, também assim, o ensino de matemática na universidade era mais com o desenvolvimento de fórmulas, o povo chegava a escrever no quadro todo. Não tem Bhaskara? A gente tinha que descobrir o porquê daquilo ali. E maioria da disciplina era aquilo ali, para a gente saber porque chegou ali.

A fala da supracitada discente desvela que, no Curso de Licenciatura Curta em Ciências, se enfatizavam o uso preciso da linguagem matemática, o rigor e as demonstrações, aspectos do ensino dedutivo, ou seja, características do ensino da matemática em nível superior, igualmente valorizados no MMM, segundo relatam Soares (2001) e Búrigo (2006). A discente Anísia Vidal (2023) afirma que, como sua turma tivera muitas dificuldades com a disciplina de matemática, essa realidade provocou uma mudança de atitude do professor, após ela chamar a atenção dele, pois, no ponto de vista dela, ele ministrava o conteúdo rapidamente, o que consistia em uma barreira para o processo de ensino e aprendizagem.

Para o professor Rui Macêdo (2023), as dificuldades com relação às disciplinas de Matemática I, II e III ocorriam em virtude da falta de conhecimentos prévios e da falta de motivação, vejamos:

Rui Macêdo: *Então a grande maioria aprovada eram esses professores e a maioria deles não gostavam da Matemática, então tinham muitas dificuldades; enquanto o pessoal que gostava de Matemática ia tranquilamente, o pessoal que não gostava sentia dificuldades. [...] porque a matemática que dava no Curso Normal era só o primeiro ano, era mais mesmo pedagógica, disciplina para ensinar de 1ª a 4ª série, então eles chegavam sem saber matemática.*

Os professores a quem Rui Macêdo se refere eram formados em Cursos Normais e, posteriormente, após a reforma de 1971, em cursos de Magistério. Para tentar resolver esse problema, Rui Macêdo (2023) conta que buscou ministrar aulas extras aos sábados e incentivar os estudantes que tinham maior conhecimento sobre a disciplina a auxiliarem os alunos com dificuldades. A visão das estudantes e do professor com relação a esse problema evidenciam as diferentes formas de interpretações da realidade, conforme menciona Chartier (2002).

Apesar das dificuldades apontadas no processo de aprendizagem dos conteúdos das disciplinas Matemática I, Matemática II e Matemática III, de acordo com as discentes – Maria Telma Gargano, Jacyra Landim, Jeruza Souza e Juanilza Santana –, não havia um distanciamento entre o que se aprendia nas aulas e o que se ensinava no 1º grau. Também consideraram que o curso ofertou conteúdos específicos de matemática suficientemente satisfatórios para que pudessem atuar no ensino de matemática no 1.º grau. Todavia, Jeruza e Juanilza, que atuaram no 2.º grau, salientaram a necessidade de buscarem maior conhecimento para o ensino nesse nível, como pode ser depreendido das suas falas:

Juanilza Aparecida Rodrigues Santana: *Nos habilitava a ensinar até a 8ª série do ensino fundamental, só que quando eu entrei no Poli⁹, por conta da necessidade, a escassez de recursos humanos, aí eu trabalhei 01 ano, 02 anos, mais ou menos, com o ensino fundamental e logo depois acrescentaram na minha carga horária o 1º ano do ensino médio, aí depois já colocaram o 2º ano, depois colocaram o 3º ano e aí eu não tinha formação em matemática, mas o que foi que eu fiz, eu fui estudar, por conta própria, eu me debrucei realmente nos livros e fui procurar estudar os conteúdos pra poder dar conta.*

Jeruza Maria Novaes Souza: *eu achei que foi suficiente no sentido de, em termos do conteúdo, certo? Em termos de conteúdo na Licenciatura Curta foi suficiente. Eh[...] mas pra o Ensino Médio não. O ensino médio não, eu tive que realmente me engajar e estudar mais.*

Jeruza Souza (2023) descreve, ainda, que o ensino de “matemática na universidade era mais destrinchar fórmulas, como chegar, como chegou naquela fórmula ali. Então não era essa matemática que a gente usa em sala de aula com os alunos. Eu vejo que era uma matemática diferenciada”. Embora, Juanilza e Jeruza tenham estudado na mesma turma, notamos uma percepção diferenciada sobre as intencionalidades do ensino de tais disciplinas, o que nos remete a Chartier (2002), quando esse afirma que as pessoas fazem leituras diversas dos

⁹ Instituição de ensino pública, fundada em Jequié na década de 1970, no contexto da Ditadura Militar e educação tecnicista (Santos & Lando, 2023). Atualmente é denominada Colégio Estadual de Jequié, outrora conhecida como Colégio Polivalente Edvaldo Boaventura. Informações disponíveis em: <http://escolas.educacao.ba.gov.br/node/12468>. Acesso em: 11/10/2024.

discursos e apropriações distintas, embora essas apropriações estejam relacionadas com as representações.

De acordo com Jorge Costa do Nascimento (2023) as disciplinas Matemática I, Matemática II e Matemática III trabalhavam conteúdos considerando o que os estudantes iriam ensinar. Com relação à Matemática I, aponta que:

Jorge Costa do Nascimento: Os programas da Matemática I, aqui era a parte de números, números e operações, então se trabalhava com todos os conjuntos numéricos e as estruturas algébricas, desde o número, [...] a construção do conjunto, tanto dos números naturais até os números reais, as operações, e aí você falava um pouco das estruturas algébricas desses conjuntos, se tinha estrutura de corpo, de ordem, se era monóide, semigrupo. Eh [...] grupo, grupo comutativo [...] e aí você ia para anel e corpo. Que era essa parte mais formal, na perspectiva de você trabalhar no campo da formação epistemológica desse aluno que ia ensinar Ciências e Matemática até, na época era... oitava série.

Para além da teoria dos conjuntos, também equações é um conteúdo presente em todos os diários analisados dessa disciplina, com exceção do referente ao ano de 1982, de Rui Macêdo. Contudo, os diários desse professor dos anos de 1977 e 1982 contêm, ainda, Relações e Funções do 1º e 2º graus. Esses conteúdos foram ministrados em virtude da carga horária da disciplina ter sido de 120 h/a no período de 1977 a 1981. Interpretamos que a permanência do ensino de Relações e Funções no ano de 1982, mesmo com a redução para 90 h/a, pode ter ocorrido devido à importância dada a esses conteúdos pelo professor.

Jorge Costa do Nascimento (2023) continua a detalhar os conteúdos das disciplinas, informando que a Matemática II era basicamente o ensino de Geometria, Geometria Plana e Espacial.

Jorge Costa do Nascimento: Então, na Geometria plana via toda parte de Geometria, triângulos, quadriláteros, círculo e circunferência, aí calcular todas aquelas coisas referentes a esses objetos: cálculo de área, perímetro, medida de ângulos, congruências e semelhanças, dentre outras, da Geometria plana e, [...] reta, planos e tal, mas não, não tinha ainda a preocupação de trabalhar a parte analítica desses objetos da Geometria plana, tipo de retas e planos - a menos da posição relativa de retas - intercessões, essas coisas. [...] equação do plano, equação da reta; não tinha essa preocupação, porque aí era o foco mais da Geometria Analítica.

Identificamos que os diários de classe da disciplina Fundamentos de Matemática Elementar II / Matemática II ratificam a informação concedida no depoimento do supracitado professor, a exemplo do que corresponde ao ano letivo de 1978¹⁰, que lista como conteúdos ministrados: Conceitos primitivos de Geometria Plana, ângulos (medidas, classificação, congruência), Bissetriz, operação, transformação, Polígonos, Semelhanças de polígonos, Polígonos inscritos e circunscritos, Medidas de ângulos internos e externos, Triângulos

¹⁰ Os registros dos diários da década de 1970 restringem-se à Geometria Plana. Já nos três diários da década de 1980 (1983, 1986 e 1988), constam também conteúdos da Geometria Espacial.

(elementos, classificação e congruência), Semelhanças de triângulos, Lei angular de Thales, entre outros da Geometria Plana que se repetiram ao longo dos anos posteriores em diários dessa disciplina, mesmo quando ministrada por outros professores¹¹.

Quanto aos conteúdos de Matemática III, o professor Jorge Costa do Nascimento (2023), ao rememorar o período em que ensinou a supracitada disciplina (a partir de 1986), argumenta que:

Jorge Costa do Nascimento: [...] na Matemática III já entrava uma abordagem [...], para as funções tá? Então pelo menos as funções básicas. Eh [...], que eram: retas, equações de retas, as funções polinomiais de primeiro grau e a função polinomial de segundo grau tá? Então a gente chegava até aí, as vezes a gente fazia uma abordagem, também falava das funções logarítmica e exponencial e também algumas funções padrão como a logarítmica e exponencial, algumas funções trigonométricas e funções inversas. [...] $1/x$, $1/x^2$, mas não entrava assim numa discussão mais profunda, por exemplo, da ideia de limite.

Os conteúdos mencionados pelo citado professor são ratificados nos diários de classe dessa disciplina: lógica, conjuntos, relações (domínio e imagem) e funções¹². Sua fala indica que, além da relação dos conteúdos deste curso com o ensino de 1.º e 2.º graus, fica perceptível que os conteúdos apontados pelo professor Jorge Costa Nascimento foram citados por Soares (2001) e Búrigo (2006), quando estas elencaram os conteúdos enfatizados pelo MMM. Embora o referido professor tenha mencionado que não havia uma discussão envolvendo a ideia de limite no período em que ministrara a disciplina, o diário do ano de 1978, quando a carga horária era de 120 h/a, contém os seguintes registros: limites, derivadas e polinômios.

O professor Jorge Barros (2023), ao recordar o ensino de matemática, narra que “a Matemática abordada no curso era a Matemática Moderna”. Além dos conteúdos relatados em depoimentos que tinham relação com as proposições do MMM, constatamos que os livros utilizados na Licenciatura Curta em Ciências de Jequié, citados por discentes e docentes do curso, traziam orientações e conteúdos que contemplam o programa do citado movimento.

Uma análise sobre os conteúdos apresentados nos diários de classe do Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié, também deixam evidentes os indícios da adesão aos pressupostos do MMM. Por exemplo, os diários encontrados da disciplina Matemática I (anos letivos 1977, 1978, 1982, 1986) mostram uma ênfase no ensino da teoria dos conjuntos; os diários da disciplina Matemática III apresentam abordagem sobre lógica, relações e funções, entre outros mencionados pelo docente Jorge Nascimento. Já os diários de Matemática II não

¹¹ Os diários localizados estão nos nomes dos professores Rui Macêdo, Edson Cardoso dos Reis e Armando Luiz A. Peixoto.

¹² O diário do ano de 1982 contém registros distintos: Análise combinatória, Matrizes, Determinantes, Equação Linear e Sistema de equações. Como esses registros foram encontrados em um único diário, não conseguimos indícios para interpretar o motivo.

indicam influência do MMM¹³, seu enfoque se deu para o ensino da geometria clássica, ao menos no que se refere aos conteúdos registrados nos diários encontrados, conforme apontamos anteriormente e salientou o citado professor.

Essa opção pelo ensino da geometria clássica pode ter ocorrido devido a uma falta de consenso em torno do ensino da geometria no referido movimento, pois, segundo Matos e Leme da Silva (2011), as propostas¹⁴ para modernizar o ensino de matemática discutidas nos fóruns internacionais do MMM não alcançaram um acordo sobre a abordagem do ensino de geometria. Tampouco houve uma unanimidade, de acordo com Oliveira, Leme da Silva e Valente (2011), em relação ao ensino de geometria nos livros didáticos brasileiros. Esses autores apontam a presença de duas tendências: uma que integra as transformações geométricas, conforme a perspectiva de Klein; a outra, predominante, que fortalece a geometria euclidiana por meio de uma abordagem distinta, tanto com a adição de novos axiomas quanto com a introdução da geometria experimental. Por fim, no que se refere à prática escolar Miguel, Fiorentini e Miorim (1992, p. 48) afirmam que “[...] o novo enfoque proposto para o ensino da Geometria não conseguiu impor-se na prática escolar. O que acabou acontecendo foi a introdução da linguagem dos conjuntos na Geometria, de conceitos topológicos elementares [...]”.

Essa realidade de adesão ou não dos professores do Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié às ideias do MMM nos remete a Chartier (2002, p. 136), quando pontua que não podemos desconsiderar que “as apropriações culturais permite também que não se considerem totalmente eficazes e radicalmente aculturantes os textos ou as palavras que pretendem moldar os pensamentos e as condutas”, pois as interpretações, as apropriações e as práticas que os indivíduos fazem a partir de tais discursos e textos “são sempre criadoras de usos ou representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas”. Para este autor, as apropriações e práticas dos sujeitos são sempre criadoras de usos ou representações.

Algumas discentes do curso, ao serem questionadas a respeito dos livros utilizados nas aulas das disciplinas de Matemática I, II e III, lembraram-se de alguns autores e livros utilizados, assim como os professores das citadas disciplinas. Maria Anísia Villas-Bôas Tourinho Vidal, estudante que ingressou no curso em 1981, e Jeruza Maria Novaes Souza, que iniciou o curso em 1986, afirmam que usaram a coleção de Gelson Iezzi. Os professores Jorge

¹³ Há um único registro em um diário do ano de 1978 referente à “homotetia” ao abordar o conteúdo “Semelhança de Polígonos e Triângulos”.

¹⁴ Exemplificando com as propostas apresentadas no Seminário de Royaumont, Matos e Leme da Silva (2011) indicam duas posições distintas: uma delas, defendia o estudo da geometria via transformações geométricas, numa perspectiva kleiniana; e a outra, apesar de preservar uma abordagem axiomática, buscou alternativas ao empregar novos conjuntos de axiomas.

Costa do Nascimento e Jorge Barros também declaram o uso dessa coleção, quando ministravam as disciplinas em questão. Jorge Costa do Nascimento (2023) informa:

***Jorge Costa do Nascimento:** Eu lembro que quando eu cheguei aqui eu comprei os livros da coleção de Gelson Iezzi, eu usei os volumes 9 e 10, nas aulas para os alunos aqui, no ensino de geometria e tinha o volume 1 que a gente usava em Matemática III, na parte de conjuntos e funções; o professor Armando também usava muito o volume 9. Outro livro que a gente usava era o Scipione, Scipione Di Pierro Neto, mas é mais chamado de Scipione.*

Conforme indica o supracitado professor em sua fala anterior, a coleção de Gelson Iezzi era utilizada, não só por ele, mas também por seus colegas que também ministravam as disciplinas específicas de matemática. O professor Jorge Barros confirma a informação dada pelo professor Jorge Nascimento, ao informar os livros que utilizou.

***Jorge Barros:** A gente usava muito esse aqui, Fundamentos da Matemática elementar, de Gelson Iezzi e Carlos Murakami; aí variava também Gelson Iezzi, Fundamentos da Matemática elementar: geometria analítica. Eram esses livros aqui que a gente usava, usava muito a **teoria dos conjuntos**, a geometria euclidiana também estudava por ele. Tinha esse também que eu usava muito, o Ensino atualizado da Matemática, 5ª série do 1º grau, de **Omar Catunda, Marta Dantas, Eliana**, essa aqui foi minha professora, essa aqui também, essa; quatro deles aqui foram meus professores lá no curso de graduação, eu gostava muito desse livro. Trabalhava a Matemática Moderna, a matemática que se ministrava aqui era a Matemática Moderna. (grifo nosso)*

Além do reconhecimento do professor Jorge Barros de que ministravam a Matemática Moderna, os índices dos livros citados por ele e pelo professor Jorge Costa do Nascimento confirmam que os conteúdos dos livros estavam em consonância com o que designava o MMM (Soares, 2001). O livro citado pelo professor Jorge Barros, intitulado *Ensino atualizado da Matemática*, é de autoria de Omar Catunda, Martha Maria de Souza Dantas, Eliana Costa Nogueira, Norma Coelho de Araújo, Eunice da Conceição Guimarães, Neide Clotilde de Pinho e Souza e Maria Augusta de Araújo Moreno.

Jorge Barros (2023) lembra que Eliana Costa Nogueira fora sua professora na disciplina Prática do ensino de matemática II; Eunice da Conceição Guimarães, na disciplina Fundamentos de matemática elementar I e II; Neide Clotilde de Pinho e Souza, professora de Metodologia e prática do ensino de matemática; e Maria Augusta Araújo Moreno, docente de Cálculo I.

O docente Jorge Costa do Nascimento (2023) também fez Licenciatura em Matemática na Universidade Federal da Bahia e recorda ter sido aluno da professora Eunice da Conceição Guimarães, na disciplina Álgebra I, que além de ser autora do mencionado livro, fora membro do grupo de estudos de Omar Catunda e Martha Dantas, anteriormente referido. O citado professor também lembra ter sido discente de Maria Augusta Araújo Moreno. De acordo com

Freire (2017), o supracitado livro promovia a difusão do MMM. Diante de tais colocações, acreditamos que a adoção de ideias desse movimento por professores do Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié pode ter ocorrido em decorrência do contato que tiveram com essas ideias, por intermédio dos livros e dos professores disseminadores do MMM.

O professor Rui Macêdo, cuja formação era em Engenharia Agrimensura, atuou na docência de Matemática I, II e III, na década de 1970, até o ingresso de professores com a formação em Licenciatura em Matemática em quantidade suficiente para adequação dos docentes à sua área específica de formação, na década de 1980. Os diários de classe desse professor indicam, ainda, uma ênfase no ensino de conteúdos do programa do MMM, com destaque para o ensino de conjuntos na Matemática I. Tal qual os professores Jorge Nascimento e Jorge Barros, a prática pedagógica de Rui Macêdo mostra indícios de influências das representações culturais do MMM, que, provavelmente foram construídas no contexto de disseminação dos ideais desse movimento.

Para além dos conteúdos elencados, percebemos que a visão de ressignificar o ensino tradicional, conforme defendia o MMM, também encontrou espaço na prática pedagógica das disciplinas de matemática. Como exemplo, destacamos que, embora não tenha consistido em uma prática frequente entre os professores, registros dos diários da disciplina Matemática III, ministrada pelos professores Jorge Costa do Nascimento e Jorge Barros, indicam a realização de seminários, o que pressupõe uma postura mais ativa por parte dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Jorge Nascimento (2023) explica que, nesses seminários, os alunos davam aulas sobre determinados conteúdos da disciplina e ele, como professor, observava e corrigia possíveis erros cometidos pelos estudantes. Ou seja, houve nas aulas do citado professor a disseminação de conhecimentos pedagógicos, o que corresponde a aspectos da Didática que estavam relacionados ao ensino de matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Curso de Licenciatura Curta em Ciências teve início em 1977, na Faculdade de Formação de Professores de Jequié, pelo fato de esta cidade ter se caracterizado como um polo em desenvolvimento, no contexto de expansão do ensino superior no interior da Bahia. A oferta desse curso representou um marco histórico de fundamental importância para resolução de um problema de ordem política, econômica e social, além de contribuir para o processo de institucionalização de um perfil do docente de matemática no ensino de 5.^a a 8.^a série do 1º grau.

O ensino nas disciplinas Matemática I, II e III foi ofertado inicialmente por um engenheiro, mas, posteriormente, essa realidade foi modificada em virtude de novas seleções públicas e consequente ingresso de novos docentes, com habilitação específica para o ensino de matemática, no curso. Essas disciplinas sofreram alterações na nomenclatura, e diminuição na carga horária, ocorridas em virtude do processo de reformulação do currículo para oferta das habilitações em Química e Matemática.

Uma análise sobre o ensino das supracitadas disciplinas assinala que, apesar de Soares (2001) apontar o declínio do MMM na década de 1970, até a década de 1980 havia práticas relacionadas aos ideais do movimento no Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié, o que foi possível, conjecturamos, devido ao fato de que os professores que atuaram na docência das disciplinas de Matemática I, II e III tiveram contato com ideias do MMM e, sendo assim, se apropriaram de tais ideias, as quais repercutiram em suas práticas pedagógicas.

Por entendermos que a história não está desarticulada do presente, logo, essa escrita tem relevância para a formação docente na contemporaneidade, ao passo que pode suscitar os seguintes questionamentos: de que forma a cultura escolar tem contribuído para a implementação de reformas curriculares? Como as reformas propostas têm repercutido no ensino? Elas têm, de fato, contribuído com melhorias? Têm sido possíveis produções culturais a partir das reformas propostas? Se sim, quais? Quais os resquícios do MMM na contemporaneidade?

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – na modalidade Bolsa de Doutorado e do Instituto Federal de Educação da Bahia (IFBA) – Concessão de afastamento para estudos (Portaria n.º 2802 de 12 de agosto de 2021).

REFERÊNCIAS

Barros, J. (2023, maio). *Pesquisa de Doutorado sobre a formação pedagógica para o ensino de matemática ofertada no Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié* [gravação digital em áudio]. Entrevistadora: C.S.P. Santos. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores, UESB.

- Bispo, M. G. (2000). *A trajetória da UESB, campus de Jequié, no olhar de seus atores*. (Dissertação em Memória Social e Documento). Universidade do Rio de Janeiro.
- Búrigo, E. Z. (2006). O movimento da matemática moderna no Brasil: encontro de certezas e ambiguidades. *Revista Diálogo Educacional*, 6(18), 35-47.
<https://www.redalyc.org/pdf/1891/189116273004.pdf>.
- Búrigo, E. Z. (1989). *Movimento da Matemática Moderna no Brasil Estudo da ação e do pensamento de educadores matemáticos nos anos 60*. (Dissertação em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5237?jsessionid=79DB668A61A8DE1F0446F02C005C4CB9>.
- Chapani, D. T. (2012, janeiro/abril). A formação de professores na gênese do sistema estadual de ensino superior da Bahia. *Revista Brasileira de História de Educação*, 12(1), 145-166.
<https://www.redalyc.org/pdf/5761/576161045011.pdf>
- Chartier, R. (2002). *História cultural: entre práticas e representações* (2 ed.). Difel.
- Chartier, R. (2011). Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, 13(24), 01-15.
- Chervel, A. (1990). História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, 2(2), 177-229.
http://moodle.fct.unl.pt/pluginfile.php/122510/mod_resource/content/0/Leituras/Chervel01.pdf.
- Decreto n.º 94.250 de 22 de abril de 1987. (1987, abril, 24). Autoriza o funcionamento da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Diário Oficial da União, seção 1. Presidência da República.
- Ferreira, E. F. (1983). Licenciatura de curta duração: solução emergencial ou definitiva? *Sitientibus*, 2(3), 155-163.
http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/3/licenciatura_de_curta_duracao.pdf.
- Freire, I.A.A. (2017). *Ensino de Ciências e Matemática: processos de institucionalização e modernização na década de 1960*. (Tese de Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências). Universidade Federal da Bahia/ Universidade Estadual de Feira de Santana. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31474>.
- Gargano, M. T. de S. (2023, maio). *Pesquisa de Doutorado sobre a formação pedagógica para o ensino de matemática ofertada no Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié* [gravação digital em áudio]. Entrevistadora: C.S.P. Santos. Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Formação de Professores, UESB.
- Guimarães, H. M. (2007). Por uma Matemática Nova nas Escolas Secundárias – perspectivas e orientações curriculares da Matemática Moderna. In J. M. Matos & W. R. Valente (Orgs.), *A Matemática Moderna nas Escolas do Brasil e de Portugal: primeiros estudos* (pp. 21-45). Editora Da Vinci.
- Landim, J. A. B. (2023, maio). *Pesquisa de Doutorado sobre a formação pedagógica para o ensino de matemática ofertada no Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié* [gravação digital em áudio]. Entrevistadora: C.S.P. Santos. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores, UESB.
- Lando, J. C. (2012). *Práticas, inovações, experimentações e competências pedagógicas das professoras de matemática no Colégio de Aplicação da Universidade da Bahia (1949-1976)*. (Tese de Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências). Universidade

- Federal da Bahia/ Universidade Estadual de Feira de Santana.
https://ppgefhc.ufba.br/sites/ppgefhc.ufba.br/files/tese_janice_lando.pdf.
- Lima, E. B., Freire, I. A. A., & Lando, J. C. (2017). Profissionalização do professor que ensina matemática nos diferentes níveis de formação na Bahia-Brasil: breve panorama histórico. *Revista de História da Educação Matemática*, 3(3), 116-126.
<https://histemat.com.br/index.php/HISTEMAT/article/view/179>.
- Macêdo, R. (2023, junho). *Pesquisa de Doutorado sobre a formação pedagógica para o ensino de matemática ofertada no Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié* [gravação digital em áudio]. Entrevistadora: C.S.P. Santos. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores, UESB.
- Matos, J. M., & Leme da Silva, M. C. (2011, abril). O Movimento da Matemática Moderna e Diferentes Propostas Curriculares para o Ensino de Geometria no Brasil e em Portugal. *Bolema - Boletim de Educação Matemática*, 24(38), 171-196.
- Meihy, J. C. S. B., & Ribeiro, S. L. S. (2011). *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. (1. ed.). Contexto.
- Miguel, A., Fiorentini, D., & Miorim, M. Â. (1992). Álgebra ou geometria: para onde pende o pêndulo?. *Pro-Posições*, 1(3), 39-54.
- Miorim, M. Â. (1998). *Introdução à história da educação Matemática*. Atual.
- Nascimento, J. C. (2023, março). *Pesquisa de Doutorado sobre a formação pedagógica para o ensino de matemática ofertada no Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié* [gravação digital em áudio]. Entrevistadora: C.S.P. Santos. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores, UESB.
- Oliveira, M. C. A., Leme da Silva, M. C., & Valente, W. R. (2011). Movimento da Matemática Moderna: história de uma revolução curricular. In M. C. A. Oliveira, M. C. Leme da Silva & W. R. Valente (Orgs.), *O Movimento da Matemática Moderna: história de uma revolução curricular* (pp. 159-163). Editora UFJF.
- Portaria n.º 613 de 14 de dezembro de 1988*. (1988, dezembro, 15). Concede o reconhecimento ao Curso de Licenciatura Curta em Ciências com habilitação em Química e Biologia, licenciaturas plenas, ministradas no Campus de Jequié. Diário Oficial da União, seção 1. Presidência da República. Ministério da Educação.
- Resolução n.º 30 de 11 de julho de 1974*. (1974, julho, 11). Fixa normas para a indicação do corpo docente das Instituições de Ensino Superior. Diário Oficial, seção I, Presidência da República.
- Santana, J. A. R. (2023, março). *Pesquisa de Doutorado sobre a formação pedagógica para o ensino de matemática ofertada no Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié* [gravação digital em áudio]. Entrevistadora: C.S.P. Santos. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores, UESB.
- Santos, C.S.P. (2018). *História da formação docente no curso normal do Instituto de Educação Régis Pacheco (1959-1971): o ensino da matemática em foco*. (Dissertação de Mestrado em Educação Científica e Formação de Professores). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. <http://www2.uesb.br/ppg/ppgecfp/wp-content/uploads/2018/09/cleide-selma-pereira-dos-santos.pdf>.
- Santos, C.S.P., & Lando, J.C. (2023). História da implantação do ensino superior em Jequié-Ba (1962-1977). *Revista Eventos Pedagógicos*, 14(3), 656-675.
<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/11505/8159>.

- Saviani, D. (2010). A expansão do ensino superior no Brasil: mudanças e continuidades. *Póiesis Pedagógica*, 8(2), 4-17. <https://revistas.ufg.br/poiesis/article/view/14035>.
- Soares, F. (2001). *Movimento da Matemática Moderna no Brasil: Avanço ou Retrocesso?* (Dissertação de Mestrado em Matemática). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/2191>.
- Souza, J. M. N. (2023, março). *Pesquisa de Doutorado sobre a formação pedagógica para o ensino de matemática ofertada no Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié* [gravação digital em áudio]. Entrevistadora: C.S.P. Santos. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores, UESB.
- Valente, W. R. (2005). Do engenheiro ao licenciado: subsídios para a história da profissionalização do professor de Matemática no Brasil. *Revista Diálogo educacional*, 5(16), 1-20. <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/7946>.
- Vidal, M. A. V. T. (2023, março). *Pesquisa de Doutorado sobre a formação pedagógica para o ensino de matemática ofertada no Curso de Licenciatura Curta em Ciências de Jequié* [gravação digital em áudio]. Entrevistadora: C.S.P. Santos. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores, UESB.
- Viñao Frago, A. (2007). *Sistemas educativos: culturas escolares e reformas* (M. A. Vieira, Trad.). Pedagogo.
- Vilas Bôas, E. da C. (Org.). (2001). *UESB: memória, trajetórias e vivências*. Edições UESB.